

## O livro do Papa

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

No seu pontificado dinâmico, humano, transparente, o polonês Karol Wojtyla promoveu uma verdadeira revolução na teoria, na filosofia, na metodologia e na prática da religião católica.

Tudo isso, agora, numa linguagem aberta, dialética, doutrinariamente irrepreensível está no seu último livro – *Memória e Identidade* – lançado em fevereiro último.

O texto do Papa João Paulo II é resultado de uma entrevista concedida, há 15 anos, isto é, em 1993, a dois jornalistas poloneses.

Depois, o pontífice releu o documento, ampliando-o com novos temas.

Terminei, nos últimos dias do mês de março, a sua leitura.

O livro, contendo 192 páginas, é múltiplo e polivalente na abordagem de assuntos, variando desde o totalitarismo do século 20, tendo como raízes o nazismo e o comunismo, com digressões sobre o patriotismo, o sentido de nação, os fundamentos da história, as relações entre Igreja e Estado.

Com certeza, na construção de sua obra literária, o Sumo Pontífice, com prodigiosa interpretação, uniu fé e razão.

Doutores da Igreja, seus antecessores, tinham idêntico entendimento.

Para Santo Agostinho, por exemplo, a razão e a fé se completavam.

Por sua vez, Santo Anselmo, no século 11, pregava que a fé busca a compreensão, o diálogo.

Na mesma linha, o pensamento de Santo Tomaz.

Como não poderia deixar de ser, o livro contém 175 citações bíblicas e textos eclesiásticos, todos, obviamente, direcionados para um discurso de conciliação.

Por exemplo, no capítulo referente ao Patriotismo, o Papa João Paulo II é dogmático, quando doutrina: “A Pátria é o bem comum de todos os cidadãos e, enquanto tal, constitui também um grande dever”.

Para concluir, enfático: “coloca-se no âmbito do quarto mandamento, que nos obriga a honrar o pai e a mãe”.

O texto é escrito em estilo coloquial, próprio do gênero reportagem-entrevista, o que lhe dá a roupagem de perguntas e respostas.

Exagero à parte, *Memória e Identidade* é o melhor e mais profundo livro escrito pelo Chefe da Igreja Católica, recentemente falecido.

Nele, ele se revela completo, na defesa da Polônia e do catolicismo.

Assim, no tópico denominado *A Memória Materna da Igreja*, o Sumo Pontífice fala de cátedra, quando lembra que é em Maria, a partir da Anunciação, que começa a longa e eterna memória da Igreja, aduzindo:

“Bem vistas as coisas, a memória pertence mais ao mistério da mulher que do homem: é assim na história das famílias, na história das estirpes e das nações; e é assim na história da Igreja também”.

Depois, o sentimento telúrico marca o seu grande livro.

A Polônia, de memoráveis feitos, é reverenciada como o chão sagrado do catolicismo.

É, sem dúvida, obra-prima, escrita com emoção, fé, sentimento humano e evidente discurso evangelizador.

Uma nova Bíblia redigida nos albores do século XXI.

Agora, é ir-se à leitura e à reflexão.